



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

ISABELY SILVA GARCIA

**ESTEREÓTIPOS DO HUMOR: A CARICATURA DO PERSONAGEM PAINHO
NUMA REFLEXÃO SOBRE O CANDOMBLÉ**

**CAMPINA GRANDE
2018**

ISABELY SILVA GARCIA

**ESTEREÓTIPOS DO HUMOR: A CARICATURA DO PERSONAGEM PAINHO
NUMA REFLEXÃO SOBRE O CANDOMBLÉ**

Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação e educação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Robéria Nádia Araújo Nascimento.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho

G216e Garcia, Isabely Silva.
Estereótipos do humor [manuscrito]: a caricatura do personagem painho numa reflexão sobre o candomblé / Isabely Silva Garcia. - 2018.
39 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Roberia Nadia Araújo Nascimento
, Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA."
1. Candomblé. 2. Homossexual. 3. Identidade de gênero.
4. Programa de humor. 5. Figura dramaturga. 6. Esteriótipos.
I. Título
21 . ed. CDD 070.4

ISABELY SILVA GARCIA

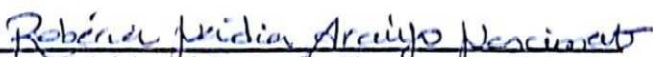
ESTEREÓTIPOS DO HUMOR: A CARICATURA DO PERSONAGEM PAINHO
NUMA REFLEXÃO SOBRE O CANDOMBLÉ

Artigo apresentado ao Curso de Comunicação Social na da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social.

Área de concentração: Comunicação e educação

Aprovada em: 30/11/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof^ª. Dr^ª. Robéria Nádia Araújo Nascimento (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^ª. Dra. Verônica Almeida de Oliveira Lima
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de A. de Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu Deus, meu fiel companheiro nessa
jornada, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Como diz Maria Bethânia, Abraçar e Agradecer! Nesses quatro anos fui abraçada por muita gente, e a estas pessoas todo o meu agradecimento.

Primeiramente agradeço a Deus, pelo discernimento e sabedoria.

Tem gente que me abraçou desde que nasci, minha família, dedico esta conquista a vocês.

A minha tia/madrinha/avó, dona Vina, quem me ajudou e proporcionou que eu chegasse até aqui, sem o seu apoio e contribuição nada disso estaria se tornando possível, minha eterna gratidão.

Aos meus pais, Cláudio e Izabel, que se fizeram presentes durante esse tempo, me sustentando e amparando para que eu não desistisse, a fé e o amor de vocês foi o que me aleitou nos momentos mais difíceis.

A minha avó Ilza (in memoriam), o nosso amor transcende esta vida. Sei o quanto estaria orgulhosa se aqui estivesse, então, te dedico essa conquista com todo o meu amor.

A minha irmã, Ivy Camilla, por existir e resistir junto comigo.

Durante essa caminhada fui agraciada com o amor de Lyon, meu companheiro. Que pacientemente me ajudou a enfrentar meus medos e limitações. Obrigada por segurar forte minha mão.

A todos os meus mestres, meu muitíssimo obrigada. Em especial a Professora Robéria, que com sua doçura e dedicação me orientou em todas as etapas dessa pesquisa, sonhou o meu sonho e me ajudou a torná-lo real.

Ao Pai Diego que abriu as portas da sua casa e nos encantou com os encantos dos Orixás.

Agradeço aos abraços sinceros que a vida me trouxe, as mãos que me guiaram, agradeço por ter o que agradecer.

"Os riscos que corre essa gente morena
O horror de um progresso vazio
Matando os mariscos e os peixes do rio
Enchendo o meu canto
De raiva e de pena"

(Caetano Veloso)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS	11
3 A CARICATURA DOS PRECONCEITOS NUM PROGRAMA HUMORÍSTICO	14
4 A RESISTÊNCIA DA FÉ	20
5 ESCUTAR PARA ENTENDER	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS	36
ANEXO 1 – Termo de autorização.....	37
APÊNDICE.....	38
APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTÕES	39

ESTEREÓTIPOS DO HUMOR: A CARICATURA DO PERSONAGEM PAINHO SOBRE O CANDOMBLÉ

Isabely Silva Garcia¹

RESUMO

Esse trabalho visa objetivar e problematizar a representação da ligação entre homossexualidade e a religião do candomblé. Tendo como foco desse estudo o programa de humor da Rede Globo de Televisão, o Chico Anysio Show, que foi ao ar no início da década de 80, com destaque para o personagem painho. A escolha por esse tema nasceu no 5º período do curso de Jornalismo, durante o desenvolvimento da disciplina Pesquisa em Comunicação, além da afinidade temática, sentimos a necessidade de nos aprofundarmos nessa questão, o que justifica essa pesquisa. Para tal, foi realizado um retrospecto de como a mídia televisiva apresenta esses personagens, e como se essas pessoas se sentem representadas por esse tipo de figura dramática. Além de abordar a questão identitária, de como esses valores são construídos e retratados pela mídia e, como é interpretado pela sociedade. Desse modo, buscou-se saber qual a real importância assim como a mensagem final são excitados pelo personagem “painho” no contexto da identidade candomblecista como homossexual.

Palavras-Chave: Candomblé. Homossexual. Identidade de gênero. Programa de humor. Figura dramática. Esteriótipos.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho busca compreender as relações entre a religião do candomblé e o tratamento midiático no que se refere à homossexualidade, a fim de refletir sobre os enfoques do programa Chico Anysio Show, que foi veiculado pela Rede Globo de Televisão, através do personagem “Painho”. Notamos que a representação do pai de santo, interpretado pelo próprio Chico Anysio, transforma a homossexualidade em caricatura. Daí surgiu a intenção de pesquisar a visão e o entendimento desse personagem junto aos praticantes dessa religião. Por hipótese de trabalho, supomos que ainda há preconceito sofrido por grande parte dos adeptos das religiões de matriz africana e o entretenimento midiático pode reforçar esses estereótipos, sobretudo quando relacionados à orientação sexual dos candomblecistas.

O candomblé é a religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos

¹ Aluna de Graduação em Comunicação Social Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: isabely_garcia@hotmail.com

minoritários. O candomblé iorubá, ou jeje-nagô, como costuma ser designado, congregou, desde o início, aspectos culturais originários de diferentes cidades iorubanas, originando-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé, predominando em cada nação tradições das cidades ou região que acabou lhe emprestando o nome: queto, ijexá, efã (PRANDI, 2001). No Brasil, a tradição religiosa do candomblé é, muitas vezes, sincretizada ao catolicismo e a umbanda², uma vez que as referências dessas vertentes se misturam e podem ser vistas nos locais de cultos.

Assim, a realização deste estudo parte da compreensão de que o processo midiático de difusão de religiosidades está intrinsecamente relacionado ao processo de comunicar algo, propagar mensagens específicas, utilizando-se de várias estratégias para interagir com o público, adotando diferentes intencionalidades, para obter os objetivos desejados, a exemplo de alcançar grande audiência. Quando uma religião de matriz africana é entrelaçada com objetivos de entretenimento, há um risco de seus dogmas, princípios e normas, como processos construtores de identidade, serem modificados reforçando estereótipos e visões preconceituosas acerca de suas práticas e adeptos.

O contexto atual, histórico e moderno em que nos encontramos favorece os estudos entre mídia e religião, já que a sociedade tem acesso a diversas informações do universo religioso que anteriormente só eram possíveis através dos lugares considerados sagrados. Esse cenário é fruto da midiatização da religião, um processo..., segundo Gasparetto, a mídia acaba reconfigurando as comunidades concretas que, dessa forma, organizam os processos por meio dos quais possam ser “vivenciadas” novas formas de comunidade por intermédio do consumo de objetos telerreligiosos, realizando, assim, um sinal de pertença a um grupo concreto (GASPARETTO, 2010, p. 02)

Já que a comunicação aproxima as religiões da sociedade muitas instituições se viram convocadas a repensar conceitos e formas de interação com seus fiéis, vendo nos meios de comunicação importantes aliados na construção de uma narrativa para o público alvo ao qual se dirigiam. Dessa maneira, tornou-se comum, para diversas tradições religiosas, difundir suas ideologias, reforçar aspectos

²² A Umbanda é uma religião brasileira que sintetiza vários elementos das religiões africanas e cristãs. Formada no início do século XX, no sudeste do Brasil, agrega o candomblé, o catolicismo e o Espiritismo, reunindo crenças desses movimentos religiosos e se modificando de acordo com as regiões do país.

dogmáticos e com isso fortalecer os laços com seus adeptos, mas buscando sempre aproximar-se do público geral na tentativa de propagar suas mensagens.

Para alguns grupos religiosos, esse espaço foi comemorado como algo positivo e significativamente construtivo, pois seria mais uma forma de disseminar o que sua religião prega e o que se tem como verdade dentro das diferentes doutrinas. Porém, quando observamos por outra perspectiva, podemos perceber que outros grupos religiosos, a exemplo dos adeptos do candomblé, não têm o mesmo espaço na mídia, tampouco a mesma visibilidade positiva na sociedade que as outras religiões, a exemplo do catolicismo e protestantismo.

Cada religião possui suas diferenças filosóficas e teológicas, mas na sociedade brasileira, muitas não são valorizadas como é o caso das crenças de matriz africana, que são vistas com certa desconfiança e comparadas a crenças místicas, que lidam com superstições e elementos sobrenaturais. Num sociedade laica, alguns grupos têm duplo ou triplo pertencimento religioso, em razão das ofertas do segmento religioso.

Desse modo, a identidade de uma nação, permeada pela religião, é fragmentada pela infinidade de crenças que a compõe. Nesse sentido, a mídia reflete esse contexto, atuando em dois polos distintos: ou intensifica a aura de mistério em torno das práticas afro-brasileiras, intensificando caricaturas, como ocorre no âmbito da ficção televisiva; ou oferece pouco espaço para as religiões afro-brasileiras em reportagens e programas jornalísticos sobre o candomblé. De um modo ou de outro, há necessidade de se refletir sobre essa problemática.

Por isso, defendemos a importância de trazermos esse tema a estudo, precisamos repensar enquanto comunicólogos e construtores sociais, a importância de cada religião para a sociedade, em específico apresentar as religiões de matriz africana que são satirizadas pelas mídias, como nos programas humorísticos. Pensamos que tais comportamentos voltados a estas religiões não informam, mas mostram construções midiáticas, que visam apenas produzir visibilidade pejorativa numa disputa exacerbada por audiência.

Observamos que as grandes mídias talvez por se apropriarem de um espaço maior, como também de uma grande acessibilidade popular, acabam descaracterizando essas religiões. Essa realidade nos induz a pensar que esse padrão de tratamento midiático gera intolerância religiosa e se constitui justamente a partir dessas narrativas expostas pela mídia, primeiro pela falta de espaço, segundo

pela distorção das crenças, como também das figuras de seus adeptos, entendidos, de forma desrespeitosa, como pessoas folclóricas e exóticas, numa diferença vista como exclusão.

Religiões como o catolicismo e protestantismo, por serem as dominantes no país, têm maiores espaços na mídia, inclusive em canais abertos. Possuem programas semanais de rádio e televisão, com menor número de adeptos sendo caricaturados em criações dramatúrgicas ou programas de humor. Primeiramente, percebe-se a falta de incentivos das emissoras de focar as religiões africanas nos horários nobres da televisão. Em contrapartida, notamos quase que constantemente narrativas construídas, principalmente pela TV, relacionando candomblé e sexualidade.

Na verdade, uma pessoa homossexual não é necessariamente candomblecista, como ser candomblecista não tem a ver com “ser homossexual”, mas é como se houvesse uma equivalência nas distorções da sociedade. Por não produzir distinção de raça, credo ou orientação sexual, o candomblé tem muitos simpatizantes e adeptos *gays*, pessoas que sofreram algum tipo de preconceito e intolerância em outras crenças ou nas religiões herdadas pelos familiares, e encontram no candomblé a aceitação e o acolhimento necessários para seguirem professando a espiritualidade.

A maior importância em trazer essa discussão para o âmbito acadêmico é justamente vislumbrar possibilidades de atenuar esse tipo de preconceito, contribuindo para os estudos da área mídia e religiosidades. A única forma de sabermos o que de fato acontece por trás dos holofotes e como esses candomblecistas se vêm representados pela mídia e seus diversos personagens, em especial o personagem “Painho”, da Rede Globo, é pesquisando sobre representação, fazendo uma imersão cultural e antropológica junto a estas pessoas, em seus ambientes religiosos, para entender e compreender os discursos sobre o candomblé.

Para Chartier (1990):

As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações

tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, p. 17).

Na intenção de demonstrar como é atemporal a influência que a mídia exerce sobre a vida das pessoas, na formação de suas opiniões e pensamentos, este estudo tem como objetivo geral analisar o personagem Painho do programa Chico Anysio Show, na tentativa de procurar compreender, mas também de perceber a representatividade feita pela mídia na associação de homossexualidade e candomblé. E, especificamente, pretendemos: discutir a relação mídia e religião; apresentar o personagem aos adeptos da religião e expor o resultado das entrevistas com adeptos para conhecer a construção da sua identidade religiosa. Em suma, o personagem Painho é o pretexto para a observação do candomblé no sentido de discutir a valorização dessa religião minimizando preconceitos e discriminações ainda existentes nessa tradição de origem africana.

A escolha por esse tema nasceu no 5º período do curso de Jornalismo, durante o desenvolvimento da disciplina Pesquisa em Comunicação, ministrada pela professora Robéria Nádia, orientadora do presente estudo. Nesse componente, desenvolvemos uma pesquisa para avaliar o espaço da mídia concedido às religiões afro-brasileiras. Naquela ocasião descobrimos que o tema é pesquisado de modo restrito, o que também não favorece a desconstrução do preconceito que parece enraizado em grande parte da população brasileira.

Após a conclusão da disciplina percebemos que o assunto ainda é silenciado no país, mesmo o estado brasileiro sendo considerado laico. Assim, sentimos uma afinidade com a temática e a necessidade de nos aprofundarmos nessa questão, o que justifica essa pesquisa. Dessa forma, o estudo se insere na perspectiva teórica da mídia e da religião, chamando a atenção para os estereótipos da homossexualidade alimentados pelo personagem Painho, que fez grande sucesso nas décadas de 80 e 90, retratando um pai de santo homossexual.

Para o estudo desse contexto, o trabalho está organizado em três sessões: na primeira, discutiremos e identificaremos o programa Chico Anysio Show, apresentando o personagem painho e suas principais características. Na segunda buscaremos pleitear o conceito de representação e identidade, para que dessa maneira consigamos correlacionar os assuntos abordados. Por fim, analisaremos as entrevistas realizadas, na obtenção de um resultado.

2 METODOLOGIA: CAMINHOS PERCORRIDOS

Este trabalho é de natureza qualitativa. As estratégias para obtenção dos dados sobre a realidade pesquisada são a observação e a técnica da entrevista, adotados aqui como instrumentos de percepção dos adeptos do candomblé³ em seus próprios ambientes. A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe metodologias próprias, adequadas aos objetivos dos estudos. Assim:

Os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado à observação da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Dessa maneira buscamos compreender a religião do candomblé para entender as construções pejorativas que circulam nos produtos humorísticos. Para tentamos iniciar esse processo de entendimento, optamos por entrevistar adeptos do candomblé, pessoas com propriedade para falar de sua religião e do cotidiano que vivenciam. A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada “uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 17).

Partimos para o campo do estudo com a ideia de que a entrevista é um diálogo que deve fluir naturalmente, deixando os entrevistados livres para discorrer sem limitar seus raciocínios. Assim, optamos por elaborar um número reduzido de questões, três no total, na qual abordamos a religião (candomblé) e a representatividade no que tange a questão de orientação sexual difundida pela

³ Religião afro-brasileira que, em sua etimologia, apresenta uma junção do termo quimbundo candombe (dança com atabaques) com lorubá ilé ou llê (casa), significando "casa de dança com atabaques". Daí porque os rituais religiosos são marcados por sons de tambores e cantos para danças festivas.

mídia. O roteiro adotado nas entrevistas e o termo de autorização de fala e imagem constam nos apêndices ao final do trabalho.

A tipologia escolhida foi a entrevista semiestruturada que, segundo Manzini (1990), focaliza em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas, o que nos pareceu importante para o alcance de nossos objetivos.

O trabalho apresenta imagens do programa humorístico da Rede Globo, dos entrevistados e do Terreiro pesquisado, organizadas numa Lista de Figuras. Nossa intenção é aproximar os leitores do universo pesquisado para que tenham melhor compreensão do tema estudado e possam conhecer o ambiente real do candomblé, em comparação à caricatura do personagem Painho, realizada pelo programa Chico Anysio Show, que inspirou a presente análise.

Quatro adeptos do candomblé foram escolhidos para interlocutores do estudo. Entre eles, o pai de santo da casa visitada, o Bábálórísà Logunsy, conhecido como Pai Diego. Dos quatro adeptos entrevistados, apenas um optou por responder as questões por escrito, e então lhe entregamos o roteiro. Os demais preferiram responder oralmente. As conversas foram registradas em gravador de voz, e os respondentes previamente informados a respeito dessa condição para que não houvesse constrangimentos.

As entrevistas aconteceram no dia 15 de Setembro de 2018, no Terreiro Ilé Asé Omi Karelewá, uma casa de candomblé Jeje-Nagô⁴, que fica localizada na Rua Antônio de Luna Freire, S/N, no bairro Castelo Branco, em João Pessoa, Paraíba. Atualmente a casa conta com 30 adeptos, que estão lá desde a sua fundação que aconteceu no dia 02 de Junho de 2015. A escolha por uma casa na capital do estado se deu por razões de adesão à pesquisa, pois no âmbito local não conseguimos contato com integrantes da religião.

⁴ Segundo Prandi (2001), esse termo designa a fusão das culturas jejes (também conhecida pelos nomes fon, ewe, mina, fanti, axântis) e nagôs (sinônimo de lorubá) nas religiões afro-brasileiras onde são cultuados tanto Voduns (entidades ancestrais Ewe-Fon do Benim) como os Orixás. Muitas pessoas de cultura lorubá trazidas da África para a Bahia receberam o nome de nagôs, termo usado pelos franceses para designar os africanos da costa dos escravos. A maioria dos terreiros de candomblé deriva da fusão entre a mitologia lorubá e a Jejê, por isso, é difícil distingui-las nas casas religiosas espalhadas pelo país.

Tivemos uma recepção calorosa na ocasião de nossa visita ao Terreiro, fazendo assim com que nos sentíssemos à vontade para a observação do local e para avançar do roteiro de perguntas formuladas para aquele momento. Essa estratégia favoreceu a compreensão do local sagrado para os praticantes assim como tornou o momento da entrevista mais leve e proveitoso.

Durante a entrevista, estavam presentes outros adeptos, pois no dia seguinte aconteceria a festa da dona da casa, o orixá Oxum⁵, que rege as atividades dos filhos de santo. Todos os presentes trabalhavam nos preparativos da importante celebração, para a qual fomos convidadas. O contato inicial com uma casa de candomblé transcende todas as experiências místicas que já pudemos vivenciar, pois ali os cheiros, as cores, os sons, o respeito e a devoção se misturam.

Vinagre Silva (2007) explica que nos terreiros de candomblé não existe discriminação de qualquer ordem. São ambientes religiosos que valorizam e preservam a identidade cultural dos filhos de santo, uma vez que produzem a reafirmação étnica, incorporando indivíduos discriminados socialmente em outros espaços: negros/não-negros, homens/mulheres/crianças, indivíduos de diferentes orientações sexuais e pertencentes a distintas classes, inclusive os portadores de deficiência e de comprometimento mental, que não são aceitos em outras práticas religiosas. No terreiro de candomblé, os segmentos subalternizados da sociedade “podem experimentar a possibilidade de ascensão social e de desenvolvimento de uma nova sociabilidade, metamorfoseando seus lugares de desvantagem social com posições de prestígio na hierarquia religiosa” (VINAGRE SILVA, 2007, p. 6).

Assim, trata-se de um território identitário para os adeptos, lugar onde podem exercer com liberdade seu pertencimento religioso e onde as representações de fé são traduzidas nas vestes em homenagem aos santos, nos cantos, nas danças. Antes da chegada ao local, imaginamos como seria um terreiro, se seria um lugar descampado, com chão de terra, pois o nome dá essa impressão, numa imagem que a maioria das pessoas cria antes de conhecer.

⁵ Orixá feminino das águas doces, dos rios e cachoeiras, da riqueza, do amor, da prosperidade e da beleza, cultuada tanto no candomblé quanto na umbanda.

4A festa é um momento único e de encantamento tanto para os adeptos, quanto para quem pode desfrutar deste momento. Os sons dos atabaques fazem com que os nossos corpos se mexam involuntariamente. Existe hierarquia e respeito. O momento em que os Orixás começam a habitar aqueles corpos, é arrepiante e contagiante. As comidas, os cheiros, toda aquela gente, crianças brincando pelo salão, é um lugar de todos e para todos como em qualquer outra religião.

Mas é uma casa grande, com paredes brancas, que tem dono, patriarcado, filhos de santo. Que tem comida boa, música, visitante de todo tipo, e onde todo mundo é bem-vindo. Uma casa de respeito, de fé, ancestralidade. Foi um despertar para uma realidade tão próxima, mas muitas vezes tão esquecida ou deixada de lado por nós por puro preconceito. Preconceito pela visão que é construída diariamente no seio familiar, quando se tem outra crença, e depois pela sociedade em interface com a mídia.

Lá, nesse lugar sagrado e cheio de histórias, existem pessoas detentoras de saber, que podem ou como podem, vão transmitindo sua fé, encontrando brechas numa sociedade que discrimina os diferentes. Na sessão destinada à análise do programa e das entrevistas, buscamos traduzir a atmosfera religiosa da festa que participamos. Entrevistar os adeptos do candomblé foi um momento de extremo aprendizado, o que aguçou mais ainda os nossos sentidos para a realização de outras pesquisas nesse segmento.

3 A CARICATURA DOS PRECONCEITOS NUM PROGRAMA HUMORÍSTICO

Em nosso país ainda existe muita desinformação a respeito das religiões afro-brasileiras, o que torna esse cenário mais suscetível para a criação de discursos preconceituosos. O que pouca gente sabe e entende é que estas religiões cultuam o amor e suas divindades através dos seus ancestrais. Como em qualquer outra religião, no candomblé também existe um líder, um representante ou porta voz do seu povo, que é chamado de Babalorixá (Pai de Santo) ou Yalorixá (Mãe de Santo), pessoas preparadas espiritualmente na hierarquia religiosa para conduzirem não só as casas de cultos, como também a orientação e acolhimento da vida de seus filhos e filhas de santo.

O pai ou a mãe de santo são pessoas dotadas de humildade e de uma postura acima de tudo humanística, ou seja, no trabalho de preparação dos adeptos eles não escolhem ou fazem distinção de cor, raça, classe social, formação educacional ou até mesmo tipologia anatômica dos indivíduos.

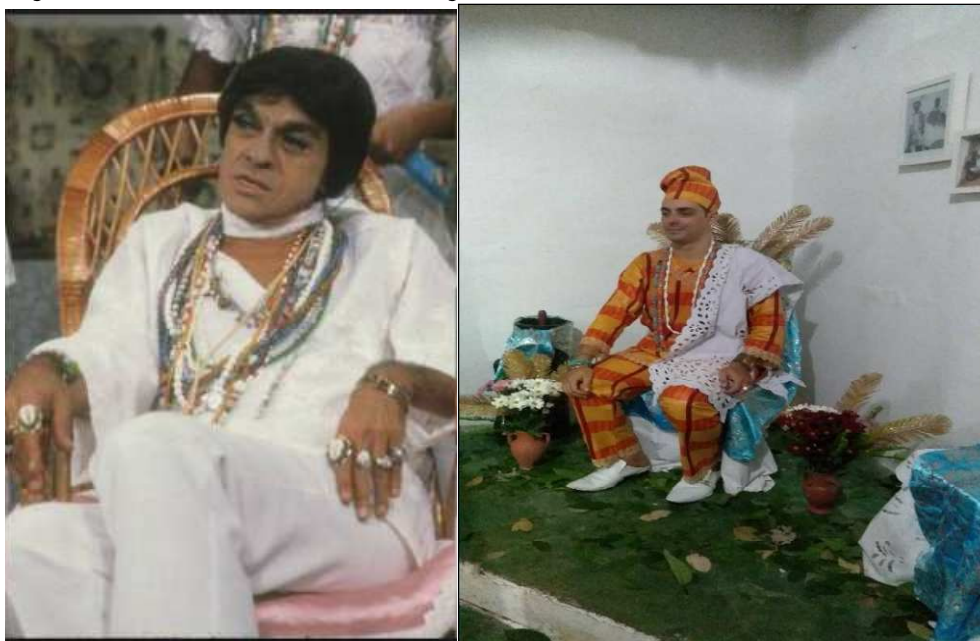
“Painho”, Ruy de Todos os Santos, foi interpretado pelo humorista Chico Anysio. Nasceu ainda no início da década de 80 e estrelou na TV Globo, integrando o programa Chico Anysio Show, formado por uma extensa galeria de personagens.

Painho logo conquistou o público espectador por retratar a imagem de um pai de santo baiano, homossexual, carismático, requisitado pela alta sociedade baiana nas consultas de búzios.

Vestido de renda branca, maquiado e carregado de acessórios, como colares, anéis e pulseiras, os trejeitos afeminados eram acompanhados de um sotaque exagerado, adotando vários bordões, dentre eles o “Aff”, que é utilizado até hoje por grande parte da população nordestina. E também as expressões: " Eu tô morta!", "Eu sou doooido por essa neguinha", "Ai, que dor nos quartos! ", sempre enfatizando sua orientação sexual.

Como é de costume dos pais de santo, o personagem reproduzia a imagem da liderança do terreiro usando “roupas de razão”, como são chamadas as vestimentas brancas utilizadas diariamente em uma casa de candomblé, pois “estas vestimentas e insígnias, por meio das quais os orixás se manifestam para dançar e estar entre seus filhos, constituem a face mais conhecida do candomblé” (SILVA, 2008, p.100).

Figura 01 e 02 – Painho e Pai de Diego



Fonte: Buscador de imagem Google (2018); Elaboração próprio (2018).

Assim como tudo o que é encontrado em uma casa de candomblé, as roupas também merecem ser tratadas com respeito, pois remetem a um ritual religioso e possuem uma simbologia para os adeptos da religião. A cor branca representa Oxalá, orixá considerado o “pai de todos” os filhos de santo. Os colares, na verdade

são fios de contas denominados “guias”, amuletos cujas cores representam os santos protetores de cada Ogan, os filhos de santo iniciados na religião.

Dessa forma, as roupas traduzem a iniciação na religião e significam a conexão com o sagrado. No programa, tanto o personagem principal como os secundários do núcleo do candomblé vestem-se com as roupas de razão e não demonstram nenhum tipo de seriedade com as vestes. As guias, que carregam nos pescoços, são meros adornos, pois, segundo o candomblé, representam os mentores e conselheiros no caminho da evolução espiritual, numa identificação do orixá. Tanto que a quebra de uma guia indica perigo ou ameaça, uma vez que, sem ela, o adepto estará sem proteção. A substituição requer um novo ritual que envolve banhos e consultas de reenergização espiritual.

Figura 03 – Painho



Fonte: Buscador de imagem Google (2018).

Figura 04 – Pai Diego



Fonte: Elaboração próprio (2018)

A caracterização do personagem ainda era composta por um laço rosa, a fim de reafirmar o adorno como uma referência ao universo feminino. Dentre as demais personagens com as quais o pai de santo interage no quadro humorístico, existe a assistente pessoal, chamada Cunhã, a quem o Painho faz questão de menosprezar, sempre com frases de efeito de cunho racistas, xenofóbicas e intelectuais.

É comum se referir a ela como uma “pessoa burra”. Durante o desenrolar dos episódios, ele é questionado várias vezes pelos outros “filhos de santo”, sobre a forma de tratamento para com a moça. Se o Pai de Santo é, segundo o candomblé, entendido como alguém que acolhe pessoas independentemente de generalizações sociais, seria essa uma representação adequada para um sacerdote?

O personagem Painho, que se destaca entre os 209 tipos inventados por Chico Anysio ao longo da carreira, ficou no ar durante grande parte da década de 80, em um país com uma difícil aceitação das minorias, principalmente quando se trata de questões de caráter religioso e de orientação sexual. Um personagem que reúne esses dois aspectos pode reforçar preconceitos sobre a religião de matriz africana, à medida que reforça estereótipos negativos.

O programa foi criado numa época em que pouco se discutia políticas de inclusão social e de respeito às diferenças. Em que casos de intolerância eram cada vez mais comuns, o próprio Chico Anysio, em entrevista sobre o programa, afirma: “Entendi que precisava criar um estilo. Disse para mim mesmo: ‘Vou ser aquele que faz vários’. E levei isso a sério, embora se tratasse de humor”.

É preciso uma reflexão para incluir um personagem como o Painho num veículo de grande popularidade como a TV aberta. Ressaltando que o personagem continua atemporal, uma vez que o humorístico “*Estados Anysios de Chico City*”⁶, criado em 1991 na mesma emissora, foi reprisado no Canal por assinaturas Viva, do grupo GloboSat, em homenagem aos 86 anos de Chico Anysio, a fim de preservar a memória desse personagem icônico com suas piadas e bordões. Na atração, derivada do programa “Chico City”, a fictícia cidade conquista sua independência e é renomeada como “Estados Anysios”, numa referência ao país americano, satirizando os dramas políticos e econômicos do Brasil.

Essa capacidade de se manter atemporal, através da ficção, faz da televisão o veículo de comunicação mais consumido pela sociedade, sobretudo no que diz

⁶ O político Justo Veríssimo, o galã caricato Alberto Roberto, o vampiro Bento Carneiro, o pastor Tim Tones, entre outros personagens do humorista, foram incorporados nesse programa.

respeito ao entretenimento. Os resultados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizada em 2006, mostram que há pelo menos um aparelho de televisão em cada lar brasileiro, ou seja, 99,9% da população nacional é exposta aos seus conteúdos, o que a faz consolidar-se como principal veículo de comunicação do país.

O perfil da programação exibida pelas emissoras naquela época ainda copiava o modo de se fazer programas para rádio, onde o gênero humorístico era o mais presente e atuante. Por isso, as múltiplas faces de Chico Anysio ganhavam tanto destaque e caíam rapidamente no gosto do público. Utilizando artimanhas narrativas, retratando costumes e expressões consolidadas nas raízes culturais, bordões, falas e trejeitos dos personagens logo caíram no gosto do público, sendo replicados pela sociedade como algo normal do cotidiano.

Ou seja, através do humor, foi possível criticar o Pai de Santo, hostilizar o homossexual, ridicularizar os negros, parodiando suas origens e até mesmo sua religião, como é o caso do candomblé. De acordo com Bakhtin (2002): “O riso tem um profundo valor de concepção de mundo, é uma das formas capitais pelas quais exprime a verdade sobre o mundo na sua totalidade, sobre a história, sobre o homem” (BAKHTIN, 2002, p.57).

Desse modo, conforme o autor, o humor realiza uma paródia da realidade social, retratando um conjunto de sentimentos que são notados partindo da observação de modos e costumes reais, a fim de tornar os problemas e as cargas da natureza humana mais leves e reduzi-las ao riso. A forma de sentir o mundo e expressá-lo talvez não seja tão fidedigna quanto aparente.

Para Lunardelli (1996), “na moderna sociedade brasileira, o popular é identificado ao mais consumido” (LUNARDELLI, 1996, p.72). Partindo dessa premissa, mais uma vez observamos a contradição no que tange respeito ao que é popular. O personagem em questão refere-se a um pai de santo de religião de matriz africana, o que por muito tempo foi colocado como algo ruim. Atualmente, tanto a religião como os seus adeptos ainda sofrem preconceitos pela sociedade. É vista como uma religião de pessoas pobres e sem instrução; por muito tempo, o candomblé foi tratado como religião de negros, devido às suas raízes africanas no tempo da escravidão brasileira.

Outra observação em relação a Painho diz respeito a sua identificação como oriundo do estado da Bahia, da região Nordeste, que sempre foi menosprezada pelo

sudeste do país, onde o programa foi criado. Um protagonista Pai de Santo, Baiano, Nordestino e Gay nos leva a pensar no que essa representação tem de “popular”, já que mostra uma caricatura pejorativa da religião, sem abordar com propriedade os costumes, tradições e construção identitária da população nordestina.

É um tipo de humor sátiro e de duplo sentido, que guarda o preconceito embutido da própria sociedade em relação à orientação sexual das pessoas e de sua religiosidade. Dessa maneira, as opções humorísticas oferecidas ao público refletem questões culturais. Painho nos faz pensar que todo pai de santo é gay, ou todo gay é candomblecista, e que na Bahia só existe a religião do candomblé.

A cultura regional possibilita, assim, uma identidade cultural, que é a correlação entre uma cultura, a qual se constitui de normas, mitos, símbolos e imagens, e os indivíduos que já estão estruturados por esses elementos. Isso resulta em trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura, como nas personalidades míticas ou reais que encarnam valores (JACKS, 1995 apud MORIN, 1995, p.156).

Para Nazareth (2016), a produção televisiva, sempre com a intenção de penetrar na “cultura” da audiência, procura produzir conteúdos que tenham uma ligação emocional com o espectador e por esse motivo, como Kevin Reilly (2011) salientou, as empresas de mídia procuram inovar e para isso olham para as audiências de uma forma multidimensional. Assim:

Esta multidimensão tem como principal objetivo conquistar audiências, e as estéticas comunicacionais que as televisões desenvolvem nos conteúdos televisivos resultam por vezes em formas inovadoras ou misturas de gêneros (NAZARETH, 2016, p. 136).

Na sequência, discutiremos os preceitos do candomblé, representação e identidade visto pelos adeptos candomblecistas sob a perspectiva do personagem painho.

4 A RESISTÊNCIA DA FÉ

Para compreender os significados do personagem Painho, que faz alusão a adeptos do candomblé, torna-se necessário apresentar os aspectos que compõem essa religião de matriz africana.

O candomblé é uma religião de encantos mil, dona de uma versatilidade ímpar, reflexo da resistência de um povo de fibra que se uniu e que lutou em respeito aos seus ancestrais. Trata-se, em sua origem, de uma fusão de etnias e culturas que adentraram os porões dos navios negreiros e chegaram ao Brasil. Os candomblés, porque são diversos em suas raízes, pertencem a "nações" e perpetuam, portanto, tradições diferentes: Angola, Congo, Gêge (isto é, Ewe), Nagô (termo com que os franceses designavam todos os negros de fala yoruba, da Costa dos Escravos), Quê to (ou Ketu), Ijêxa (ou Ijesha). É possível distinguir estas "nações" umas das outras:

Pela maneira de se tocar o tambor (Seja com a mão, seja com varetas), pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual" (BASTIDE, p. 17, 1961).

Até esses rituais se firmarem como religião, passaram por longas construções e desconstruções culturais, lutas constantes contra o preconceito e a intolerância nas diferentes sociedades em que aportaram. Parés (2007) explica que essa reconstrução, reinvenção ou reinstitucionalização das religiões africanas no Brasil ocorreu não só como uma forma coletiva de resistência cultural (assistemática, na maioria dos casos, e consciente, em certos indivíduos ou círculos relativamente restritos), mas, em primeira instância, como uma necessidade para enfrentar o infortúnio ou os "tempos de experiência difícil", dos quais a escravidão é sem dúvida um dos casos mais extremos.

Citando o pensamento de Irwing Goofman, Nascimento (2015) considera que o preconceito é uma forma arbitrária de pensar e de agir, no sentido de que é exercido como uma forma racionalizada de controle social que serve para manter as distâncias e as diferenças sociais entre um sujeito e outro ou o/um grupo. Essa prática, comum quando pensamos nos estigmas do candomblé, salienta os traços de inferioridade, a partir de argumentos que pouco têm a ver com o comportamento das pessoas que são objetos da discriminação, no caso, a religião ou os seus

adeptos. Nesse sentido, os preconceitos derivam dos estigmas de raça, nação e religião, podendo ser transmitidos através de uma linhagem familiar e contaminar por igual as futuras gerações, que passam a excluir esses grupos sem conhecer suas tradições culturais e religiosas.

Percebemos, então, que o Candomblé sofre discriminação, primeiro, pelo fato de ser uma religião de matriz africana, reforçando que a sociedade brasileira ainda é um lugar que cria e perpetua estereótipos, desde a época do Brasil colônia, onde o negro e tudo que era oriundo desse grupo não merecia respeito. Podemos dizer também que ainda hoje boa parte do desmerecimento do candomblé e de seus adeptos também ocorre pelo preconceito de outros credos, uma vez que a demonização que as religiões de cunho neopentecostal produzem incitam perseguições a adeptos dessa religião, como também aos locais de cultos.

Na compreensão de Oliveira (2011), as religiões de matriz africana, embora configurem fontes de herança cultural do país, continuam vítimas de atrocidades sendo marginalizadas e desvalorizadas. Constantemente, seus adeptos sofrem perseguições racistas, decorrentes muitas vezes do pressuposto de que se uma religião “é a verdade”, as outras “são falsas”. Por essa razão, os praticantes são vistos como seres atrasados e supersticiosos. A autora lembra que o Bispo Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, escreveu a obra: *Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios?* lançada em 1995 (OLIVEIRA, 2015).

Desde então, aumentou ainda mais o preconceito com os filhos de santo, considerados na obra como “adoradores do Diabo”. No livro, as divindades afro-brasileiras, bem como as demais religiões espiritualistas, são apresentadas como culto ao satanismo e taxadas de “seitas demoníacas”. Conforme a autora, o problema se atrela ao preconceito contra a negritude, tornando preocupante o crescimento de denominações cristãs “com posturas agressivas em relação a essas expressões africanas, num cenário que reforça o medo que se tem da cultura negra” (OLIVEIRA, 2011, p. 124).

Veja ou outra nos deparamos nos jornais com manchetes que relatam tais atrocidades a esses locais sagrados. Se a igreja é vista como um local de respeito, adoração e devoção dos fiéis, por que as casas de candomblé não recebem o mesmo tratamento no Brasil? Desde o período colonial, os negros e sua fé sofrem constantes perseguições. Segundo Silveira (2000), a primeira casa de Axé da Bahia é a Casa Branca do Engenho Velho. Sua trajetória começa com um agrupamento de

mulheres da Ladeira do Berquó, na Barroquinha, Bahia, que professavam a sua fé nos modelos dos cultos africanos juntamente com sincretismo com a religião católica.

Não diferente do modo de hoje em dia, essas pessoas perdem inesperadamente esses espaços onde podem cultuar seus deuses e exaltarem sua fé, como nos descreve Silveira (2000). No ano de 1851, as mulheres da irmandade da Barroquinha sofrem um grande golpe e perdem o espaço de culto às suas divindades, fato que ocorreu com diversas organizações negras pelo Brasil, que, em algum momento de sua história, obtiveram um espaço para suas manifestações religiosas e, tempo depois, foram abruptamente retiradas do local em questão.

Sabemos que esta é uma realidade que muitos terreiros enfrentam atualmente, por isso muitos deles podem ser encontrados em localidades distantes, longe da civilização, o que não é o caso do terreiro estudado nesse artigo, o que nos mostra que existe um pequeno, mas não menos importante progresso no combate ao preconceito, uma casa de Nação Jeje, localizada em um bairro de fácil acesso na Paraíba, entre casas e apartamentos, com boa aceitação dos moradores da localidade.

Segundo Pierre Verger, em seus escritos denominados Notícias da Bahia – 1850 (1999), as casas de candomblé, cujo o povo é originário de Angola, Congo e Cabinda, são chamadas de nação de Angola; os povos oriundos de Fon e Éwé compõem a nação Jêje; as casas de nação Ketu descendem dos povos de Ketu, Efon e Ijexá.

O candomblé é uma religião de aceitação e acolhimento, sem distinção de raça, não se restringindo apenas a raça negra, mas comungando com outras inclusive no que tange ao respeito com as lideranças. Segundo Parés (2007), alguns dados confirmam que os africanos foram a maioria dos praticantes e líderes, na primeira metade do século. Na segunda metade, foram progressivamente decrescendo, embora mantendo uma presença significativa.

Ainda em seu estudo, Parés afirma que no período 1800-1850, os líderes africanos constituíam 88% e, no período 1851-1888, 83%. Como aponta essa autora, a chefia crioula pode ter sido minimizada pelo viés ideológico dos responsáveis pela documentação dos terreiros, que pelo menos até 1850 viam o candomblé como um fenômeno essencialmente africano.

Não é fácil ser negro no Brasil, não é fácil pertencer ao candomblé, não é fácil ser homossexual, tampouco carregar as três condições. A desumanização do negro

vem desde o período de escravidão, e com o homossexual não é diferente. Por esse motivo, acreditamos que eles passem a ser representados de uma forma tão generalista nos produtos de comunicação, sobretudo na ficção televisiva. São grupos que sofrem com o desrespeito e a intolerância desde sempre, e para a sociedade isso é tão natural, que o principal veículo de comunicação, a TV, encontra nesse discurso “ofensivo” uma maneira de ilustrá-los, como é o caso do personagem Painho, que estamos tratando nesta pesquisa. Por isso, como explica Chartier (1990), as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas da sociedade.

A mídia tenta difundir uma imagem caricata dos candomblecistas assim como dos homossexuais, atrelando religião a sexualidade, e causando, dessa maneira, uma violência simbólica a estas esferas. A ideia de inferioridade do candomblé sobre determinadas outras religiões excluem adeptos da religião africana da participação de decisões importantes do estado. Assim também acontece com o homossexual, a quem é dada pouca importância e voz, sem visibilidade.

Existe, nesse sentido, o interesse de uma classe dominante na sociedade. Bourdieu (1998) salienta vários aspectos dessa dominação: que as relações de comunicação são sempre relações de poder; que os “sistemas simbólicos” cumprem função “política de impor, legitimar ou assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica); e que existem lutas no campo intelectual pelo monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 1998).

Estes são instrumentos de comunicação presentes na construção do entretenimento televisivo, levando-nos a questionar: como educar culturalmente uma nação se a mídia e seus produtos tornam os diferentes, por crença ou sexualidade, motivos de chacota e desrespeito entre a maioria?

Uma análise de Carvalho (2005) nos faz compreender como a mídia televisiva faz atribuições a determinadas informações para tornar real ou irreal as imagens distorcidas. Assim:

As representações tornam presentes um objeto, conceito ou pessoa ausentes mediante sua substituição por uma imagem capaz de representá-los adequadamente. Há uma distinção radical entre o

representado ausente e a imagem que o representa. (CARVALHO, 2005, p. 11).

Desse modo, o que se pensa, nem sempre condiz com o que é real, e a partir disso é possível criar várias formas de ver, sentir e identificar determinados grupos sociais bem suas atribuições religiosas.

O povo candomblecista, assim como os gays, é visto como pessoas alegres e descontraídas. O próprio toque dos tambores e as festas que acontecem nos terreiros remetem à alegria, pois a forma de culto aos deuses é feita dessa maneira, com muita luz, brilho, música, cor, sabores e etnias, é perceptível a partir disso que: as representações demonstram uma presença de si mesmos. “O referente e a sua imagem precisam se identificar, a aparência deve ser tomada pelo ser” (CARVALHO, 2005, p. 11).

Independentemente de qual seja a visão que se tenha sobre determinado assunto ou parcela de uma sociedade, é preciso antes realizar a imersão para entender que o conceito de representação permite, dessa maneira, trabalhar com o conceito de cultura e melhor do que o conceito de mentalidade, articular as diferenças no interior de uma sociedade e compreender as transformações históricas. Passa a ser importante ampliar a ideia de realidade, “incluindo as formas pelas quais os sujeitos históricos percebem e significam essa realidade através de representações, também alvo de disputas e lutas no âmbito das sociedades” (MAGER, 2011, pag. 2).

Dessa forma, o candomblé e a maneira como os indivíduos recebem suas mensagens, identificam o que é divulgado na mídia, baseiam-se também naquilo em que eles, os formadores de opinião, acreditam, através das suas vivências e saberes, fincados culturalmente na sociedade. Em termos de identidade, Castells (2008) afirma:

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espaço (CASTELLS, 2008, p. 23).

Assim, a projeção de personagens como Painho é preocupante pelo fato de que a sociedade é amplamente influenciada pelas informações veiculadas através da TV, correndo-se o risco de acreditar que a dinâmica estrutural do candomblé é aquela, mostrada no quadro em análise, com uma formação de adeptos composta somente por indivíduos homossexuais e pessoas que tiram vantagens em tudo que fazem.

O candomblé constrói um cenário religioso plural, onde homens, incluindo gays e mulheres, podem expressar sua fé da forma que são, pois, segundo Birman (1995), os terreiros são territórios de sociabilidade onde é possível “fazer estilo criando gêneros”, bem como o acesso a uma experiência religiosa não encontrada em outras religiões (BIRMAN, 1995, apud SANTOS, 2007, p.22).

5 ESCUTAR PARA ENTENDER

As entrevistas foram realizadas na casa *Ilé asé omi Karelewà*, com quatro adeptos da religião, dentre eles o *Bàbálórìsà Logunsy*, ou Pai Diego, como é carinhosamente conhecido na comunidade de terreiro. O objetivo dessas entrevistas foi investigar as impressões sobre o personagem Painho a respeito das representações do Candomblé realizadas pelo programa Chico Anysio Show. As falas mostram discursos cercados de sentimentos, nos quais se vê o peso do preconceito sofrido por esses adeptos, bem como a falta de espaço e de políticas públicas que visem a inserção dessa religião na sociedade, de forma positiva, e não pejorativa, como acontece na atração humorística exibida pela Rede Globo.

Nesse sentido, cabe destacar, por um lado, as identidades que historicamente são negadas no espaço público, que tangenciam as dimensões de gênero, étnica, religiosa, dentre outras – dimensões estas que são separáveis analiticamente, porém interligadas em termos de realidade empírica (OLIVEIRA, 2014, p. 03).

Perguntado sobre a sua historicidade dentro da religião afro-brasileira e a construção de sua atual identidade religiosa, Pai Diego abriu as portas do seu coração e citou, detalhadamente, os desafios de crescer numa família católica, chegando a compor, na infância, o núcleo de coroinhas da Igreja São Rafael.

Por não conseguir se encontrar naquela religião, uma vez que sua orientação sexual não foi aceita pelo grupo da igreja, a primeira forma de preconceito que

vivenciou, viu-se perdido dentro da prática católica. Logo cedo, teve seu primeiro contato com as religiões de origem afro-brasileiras, nesse caso, a umbanda. Foi iniciado aos 15 anos, sentindo o acolhimento que precisava para se firmar em uma religião. Segundo Santos (2007), só através da religião viva se é capaz de rever o passado a fim de garantir uma existência no futuro. É preciso considerar a participação masculina (homo, heterossexual...) na vida religiosa dos grupos de culto, pois nenhuma das denominações religiosas afro-brasileiras se construiu à base da homossexualidade de seus adeptos.

Por isso, livres desses receios, mulheres e homossexuais estão, conforme mostra literatura antropológica especializada, entre os que mais se adaptam às religiões afro-brasileiras. Em meio ao rol de escolhas em termos de gênero e sexualidade, o Candomblé, para citar apenas um exemplo, não só atrai, mas propicia a filiação de homossexuais interessados na religião dos orixás.

Pai Diego nos contou que se sentiu abraçado por estas religiões, e na passagem pela umbanda até a chegada ao Candomblé, já se foram 18 anos de fé e culto aos orixás. Em todo esse tempo, adquiriu não só liberdade religiosa, como de sentimentos e expressão social. Ele acredita que o Candomblé é a religião das minorias.

Para Barth (1969), o que determina a definição e redefinição da(s) fronteira(s) não é necessariamente a diferença cultural "real observável", e sim muito mais as "relações" que existem entre as pessoas (os grupos) e, acima de tudo, a maneira como as diferenças são percebidas pelos agentes sociais. A razão da identificação (e da diferenciação) não estaria, portanto, "tanto em diferenças que existem objetivamente, mas em diferenças que são concebidas pelos próprios agentes como socialmente relevantes" (BARTH, 1969, p. 14).

Perguntado sobre a representatividade das religiões de matrizes africanas na mídia, em especial aquelas dos programas televisivos, a exemplo do personagem Painho, Pai Diego não enxerga isso como algo positivo para religião. No seu entender, a mídia deveria educar a sociedade sobre o Candomblé, trazer programas onde o culto aos orixás fosse transmitido de forma verdadeira. Por divulgar tanta coisa errada na mídia é que essas religiões ainda sofrem com os ataques e olhares tortos da sociedade. Desse modo, o personagem é uma forma caricata de como a mídia enxerga o povo do Candomblé e o reproduz para a sociedade, demonizando

tanta esse povo, quanto os seus orixás. Ele concluiu a entrevista pontuando que a mídia e seus produtos transmitem apenas o que lhe são convenientes.

Miguel, 26 anos, é um dos adeptos entrevistados. É graduando em teatro, professor de artes em uma escola evangélica. Ele nos conta que seu primeiro contato com o Candomblé aconteceu em 2010 e há três anos foi “feito” na religião. Hoje, exerce o cargo de *Ogan*⁷ no terreiro. O jovem relata que a única discriminação e dificuldade que encontra desde que se firmou na religião é exercer sua fé, dentro dos contextos sociais em que atua, porque é educador inserido num meio (uma escola evangélica) que abomina completamente o que ele acredita.

Quando questionado sobre o vínculo entre Candomblé e homossexualidade, Miguel não acredita nesse aspecto, pensa que o amparo que há no candomblé seja maior e diferente das demais religiões, acabando, dessa maneira, por se tornar a religião do gay, do preto, do pobre e dos favelados; uma religião de inclusão social. Conforme explica Bastide (1971), “a religião torna-se, dessa forma o caminho de ascensão social para uma minoria ativa” (BASTIDE, 1971, p. 256). Pois, para seus adeptos, é mais importante acolher os interessados do que discriminar por isso ou aquilo.

O entrevistado não enxerga Painho ou qualquer outro personagem do meio televisivo como fidedignos da representação candomblecista, pois acredita que todas as obras que envolvem a temática da fé afro-brasileira banaliza e marginaliza a sua religião. Painho é só um exemplo, diante de todos os outros, de como a mídia sempre mostra o candomblecista de forma bizarra e pejorativa.

Outro mal da TV, segundo o entrevistado, é colocar a magia negra como se fosse Candomblé, o que é recebido pelo público como algo negativo. Segundo Hofbauer (2011), a instabilidade inerente à produção de significado, descrita pelo termo “différance”, servirá também como argumento em prol da noção de que a “prisão simbólica”, imposta pelos discursos hegemônicos discriminatórios e estereotipados, pode ser rompida. Nesse caso, os próprios adeptos é que resistem ao preconceito, lutando contra as discriminações sofridas.

⁷Há duas espécies de ogan. Alguns são escolhidos devido apenas à situação social e financeira, servindo de protetores à seita com relação às autoridades constituídas; defendem-na contra as possíveis arbitrariedades da polícia; auxiliam-na em caso de necessidade, lançando mão de seus próprios recursos. Outros, porém, conservando algo da origem sacerdotal do termo, *oungangas* (ou sacerdotes, no Gabon), formam uma espécie de sacerdócio secundário. (BASTIDE, 1961, p. 60)

Vinda de uma família Kardecista, a adepta Ariana não se encontrava ali, não encontrava sinceridade naquela doutrina e não concordava com as regras impostas para sentir-se acolhida. Por acreditar que religiões são coisas criadas por humanos, ela entendia que só precisava ser boa. Assim, através das músicas, principalmente da MPB, ela começou a se encantar pelo mundo dos orixás.

Com isso vieram as pesquisas e a admiração. Seu primeiro contato com as religiões afro-brasileiras, assim como aconteceu com os demais, foi com a umbanda, o que a remeteu para o pensamento kardecista de que aqueles não eram espíritos evoluídos. Para Prandi (2007), esse fato pode ser compreendido como:

Um gradiente que reúne grande diversidade de formas religiosas que se aproximam ou se afastam, em diferentes graus, dos tipos puros, com o espiritismo kardecista ocupando um polo, e a umbanda, o outro. (PRANDI, 2007, p. 10-11).

Passado o “medo” dessas primeiras experiências, após um ano do seu primeiro contato com os cultos, Ariana decide voltar à religião de matriz africana, optando, dessa vez, por um terreiro de Candomblé. Hoje, diz que é muito difícil construir uma identidade religiosa, pois a sociedade ainda é muito cruel com tudo que foge ao que é considerado “normal e aceitável”. Mas afirma que é preciso se impor para permanecer.

Por ser uma religião que acolhe, não julga, que não carrega o conceito de pecado do cristianismo, a presença do homossexual é muito forte e presente nos terreiros de Candomblé. Segundo Santos (2008), existe uma “corrida *gay*” rumo aos terreiros localizados nas grandes cidades brasileiras e frequentados por uma população economicamente menos privilegiada. Dessa forma, o Candomblé se coloca como uma religião de resistência negra, *gay* e humana.

Para a adepta Ariana, a construção do Candomblé, através da mídia televisiva, é feita de forma completamente errônea, pois as pessoas criam uma imagem inteiramente distorcida do que acontece num terreiro, e isso é comum na mídia televisiva, quando colocam personagens, a exemplo do Painho, extremamente caricatos, reproduzindo bordões e trejeitos que não condizem com a realidade dos religiosos. Segundo os autores Pavan e Gatterman (2007), os discursos da mídia são orientados para valorizar os padrões de comportamento, as crenças e outros valores morais e materiais peculiares, de forma a proporcionar prazer à audiência.

Jardson, nosso quarto entrevistado, conta que quando foi morar em João Pessoa, cidade do terreiro observado, descobriu um lugar onde circulava boas energias e decidiu visitar a casa. A partir de uma resposta do seu orixá, ele passou a frequentar a religião tornando-se *abiã* e em seguida *yawô*⁸. Os orixás são concebidos como seres poderosos e desejados como modelos de identificação. Tal processo pode explicar por quê os fiéis agenciam e incorporam certas características de seus orixás protetores, tornando-as parte de si. Os deuses se transformam, assim, em “espelhos de projeção” (AUGRAS, 1995; RIOS, 2000).

Assim como os demais entrevistados, Jardson não acredita na associação entre Candomblé e sexualidade, mas sim no acolhimento que a religião oferece, que é muito diferente das demais. Ele não se sente representado pela mídia televisiva e nem pelo personagem Painho. “As representações demonstram uma presença nas apresentações públicas de si mesmo. O referente e a sua imagem precisam se identificar, a aparência deve ser tomada pelo ser” (CARVALHO, 2005, p. 11).

Nesse sentido, a teatralidade é potencializada para se fazer notar e se firmar em uma sociedade através do trabalho humorístico. Os programas do gênero buscam cada vez mais espaço e aceitação do público, mesmo que isso produza uma caricatura sobre um grupo específico de uma sociedade. As entrevistas mostram que os candomblecistas não se sentem representados pelo personagem Painho, independentemente de suas orientações sexuais, já que apontaram o caráter de inclusão da religião, que acolhe a todos, independentemente de classe social ou sexualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade marcada por mudanças, comportamentos e hábitos. Porém, o que parece não mudar ou evoluir, é o comportamento social diante das minorias. As religiões afro-brasileiras continuam sofrendo intolerâncias, inclusive sendo tratadas pela mídia como caricaturas, a exemplo da representação

⁸ Uma vez praticada a cerimônia de iniciação, o indivíduo se toma *yauô* ou espôsa da divindade. Trata-se, naturalmente, de um grau superior ao do *abiã*, mas não do mais elevado. No decorrer de sua vida, esta *yauô* passará efetivamente por toda uma série de metamorfoses, cada qual marcada por um conhecimento mais amplo dos "segredos" da seita. (BASTIDE, 1961, p. 59)

humorística do personagem Painho, conforme buscamos demonstrar. Em outros programas e ficções, os candomblecistas e sua fé são demonizados, faltando informações e produtos que notabilizem os aspectos que constituem essa religião de matriz africana.

As falas dos nossos entrevistados apontam que, mesmo diante desse cenário midiático hostil, o candomblé é espaço religioso de acolhimento e resistência aos preconceitos sociais, onde todos são recebidos com respeito, para além de suas classes sociais ou orientação sexual.

A realização do estudo apontou que se não existir um trabalho voltado a conscientizar a população para que se tenha um comportamento mais adequado com relação aos candomblecistas, e toda pessoa que cultue uma fé diferente, estaremos construindo uma sociedade cada dia mais excludente, cruel e desrespeitosa. Enquanto a mídia televisiva continuar reproduzindo personagens adeptos do candomblé como criaturas folclóricas, exóticas e só trabalham para o mal, cada vez mais teremos olhares tortos e descrença nas tradições que esse povo religioso cultua.

Como vimos, seus adeptos são afetados pelo preconceito, pelo desdém, pela descaracterização dos seus cultos, pelo desrespeito aos seus orixás, uma vez que nossa pesquisa constatou que a comunidade candomblecista não é necessariamente composta por homossexuais ou negros. É uma religião de acolhimento aos menos favorecidos, e não deve ser representada como motivo de diversão.

A pesquisa mostrou que a representação midiática esconde um problema cultural, produzindo discursos pejorativos que ocupam a TV, mas repercutem em toda a sociedade, contribuindo com a intolerância religiosa e desvalorizando a diversidade cultural e religiosa do país.

Nós, jornalistas, como formadores de opinião, precisamos trabalhar na desconstrução desses estereótipos, aguçando o senso crítico da sociedade, dando voz e vez para que todos, sem exceção, tenham espaço para promulgar a sua fé, já que vivemos num Estado laico.

Por fim, defendemos a criação de programas televisivos voltados para a cultura dos candomblecistas, reportagens etnográficas onde seja possível mostrar os cultos e costumes das casas de candomblé, a fim de informar, com respeito, a

população sobre essa comunidade de fé. Assim, esperamos que nosso trabalho seja o ponto de partida para novas pesquisas nessa direção.

ESTEREOTIPOS DEL HUMOR: LA CARICATURA DEL PERSONAL PADRE SOBRE EL CANDOMBLÉ

RESUMEN

Este trabajo pretende objetivar y problematizar la representación del vínculo entre homosexualidad y la religión del candomblé. Con el foco de este estudio el programa de humor de la Rede Globo de Televisión, el Chico Anysio Show, que fue al aire a principios de la década de los 80, con destaque para el personaje de panjo. La elección por ese tema nació en el 5º período del curso de Periodismo, durante el desarrollo de la disciplina Investigación en Comunicación, además de la afinidad temática, sentimos la necesidad de profundizarnos en esta cuestión, lo que justifica esa investigación. Para ello, se realizó una retrospectiva de cómo los medios televisivos presentan estos personajes, y cómo si esas personas se sienten representadas por ese tipo de figura dramática. Además de abordar la cuestión identitaria, de cómo esos valores son construidos y retratados por los medios y, como es interpretado por la sociedad. De ese modo, se buscó saber cuál es la real importancia así como el mensaje final son excitados por el personaje "panjo" en el contexto de la identidad candomparista como homosexual.

Palabras clave: Candomblé. Homosexual. Identidad de género. Programa de humor. Figura dramaturga. Esteriotipos.

REFERÊNCIAS

AUGRAS, Monique. A construção da pessoa no candomblé. In: **Psicologia e cultura**. Rio de Janeiro, Nau Ed., 1995.

BAPTISTE, Jamile Carla. GONÇALVES, Carlos Rafael Herrero; PAULA, Mariane Valério. As religiões afro-brasileiras. Disponível em: [http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/HISTORICO-DO-CANDOMBLE-leafro%20\(2\).pdf](http://www.uel.br/neab/pages/arquivos/HISTORICO-DO-CANDOMBLE-leafro%20(2).pdf). Acesso em: 15 de mai. de 2018.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1961.

BARTH, Fredrik. 1969. "Introduction". In: BARTH, Fredrik (org.). **Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference**. Oslo/London: Universitets Forlaget/ George Allan and Unwin.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros: posseção e diferenças de gênero em terreiros de Umbanda e candomblé no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, EdUERJ/Relume Dumará, 1995.

BAKHTIN, Mikail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2002.

BIRMAN, Patrícia. **Fazer estilo criando gêneros**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar que dizer. Trad. Sérgio Miceli et all. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 1998a. _____. O poder simbólico. 2ª ed. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARVALHO, Francismar Alex Lopes: O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: economia, sociedade e cultura; v.1. 11. ed. Trad.: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1976.

FREITAS, Ricardo Oliveira de. Candomblé e mídia: breve histórico da tecnologização das religiões afrobrasileiras nos e pelos meios de comunicação. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 16, no 2, p. 63-88, jul/dez 2003.

GATTERMANN, Liange Caroline; PAVAN, Ricardo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, V Congresso Nacional de História da Mídia, São Paulo, 31 maio a 02 de junho, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

HOFBAUER, Andrea. Dominação e contrapoder: o candomblé no fogo cruzado entre construções e desconstruções de diferença e significado **Revista Brasileira de Ciência Política**, no 5. Brasília, janeiro-jul., p. 37-79, 2011.

JACKS, Nilda. Pesquisa de recepção e cultura regional. IN: SOUZA, Mauro Wilton (Org.). **Sujeito o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

LUNARDELLI, Fatimarlei. **Ô Psit!** – O cinema popular dos trapalhões. Porto alegre: Artes e Ofícios, 1996.

MAGER, Juliana Muylaert. a representação como jogo: lendo imagens de Eduardo Coutinho. Anais ... **III Encontro Nacional de Estudos da Imagem**, Londrina, 03 a 06 de mai. de 2011.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: espírito do tempo: Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

NASCIMENTO, Ana Maria. **Pespointos nos trajes de candomblé**: os trajes sagrados de Nóla De Araújo. Salvador: EdUFBA, 2016.

NASCIMENTO, Robéria Nádia A. A ressonância da ficção: percepções de Tenda dos Milagres entre os adeptos do Candomblé. Artigo. Anais... **XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, Fernando Alves de. A influência da linguagem do Candomblé no falar dos homossexuais. Miguilim – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 2, n. 3, p. 3-12, dez. 2013.

OLIVEIRA, Irene Dias de. Religiões afro-brasileiras e etnicidade: novas sensibilidades num mundo multicultural. In: OLIVEIRA, Irene Dias de; REIMER, Ivoni Richter; SOUZA, Sandra Duarte de. (Orgs). **Religião, transformações culturais e globalização**. Goiânia: EdPUC, 2011.

PARÉS, Luis Nicolau. (2007), A formação do Candomblé. História e ritual da nação jeje na Bahia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 14/15, p. 1-382, 2006

PEREIRA, Arclebiana Paula Alencar: **A record e os espetáculos da fé**: uma análise dos programas da IURD. Nov. 2011.

PRANDI, Reginaldo: O candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, out, 2001.

RAGO, Rita. **O candomblé na Bahia**. Salvador: Brasilania, 1951.

ROSA, Ana Cássia Flores. Mídiação da religião como experiência Vivida, **Revista de Epistemologias da Comunicação**, São Paulo, v. 5, n. 9, janeiro-jun., 2017

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Editora, 2006.

ROSA, Matheus Pairé: Katylene. **TV e a identidade homossexual**. Porto Alegre: Lumen Iurus, 2012.

SANTOS, Milton Silva dos. Mito, possessão e sexualidade no candomblé, **Revista Nures**, São Paulo, n. 8 – Jan./Abr. 2008

_____. **Tradição e tabu: Um estudo sobre gênero e sexualidade nas religiões afro-brasileiras**. São Paulo: EdPUC, 2007.

SOUZA, Patrícia Ricardo de. **A estética do candomblé Fazendo axós, tecendo axé**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/ricardo-patricia.pdf>. Acesso em: 22 de nov. de 2011.

SILVA, Glória Cecília de Souza: Os “fios de contos” de mãe beata de yeomonjá. Mitologia Afro-Brasileira e Educação, **Debates**, ago, 2008.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte Religiosa Afro-Brasileira: As múltiplas estéticas da devoção brasileira. In: **Debates do Ner**, Porto Alegre, ano 9, n. 13, p. 97-113, Jan/Jun, 2008.

SILVEIRA, Renato da.; JÊJE-NAGÔ, Yorubá-Tapa; AON EFAN, **Ijexá: processo de constituição do candomblé da Barroquinha – em 1764-1851**. Cultura Vozes: Petrópolis, n. 6, 2000.

VERGER, Pierre. **Notícias da Bahia – 1850**. 2. ed. Salvador: Corrupio, 1999.

VINAGRE SILVA, Marlise. O exercício do poder feminino na tradição étnico-religiosa iorubá no Brasil: uma estratégia para concretizar direitos em uma sociedade globalizada e desigual. **CBASS**. Foz Do Iguaçu, 2007.

.

.

ANEXOS



ANEXO 1 – Termo de autorização

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (DECOM)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ORIENTADORA:
PROFA. DRA. ROBÉRIA NADIA ARAÚJO NASCIMENTO
ORIENTANDA:
ISABELY SILVA GARCIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____,
portador (a) do RG nº _____ e do CPF nº _____,

neste ato, e para todos os fins em direito admitidos, autorizo expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos, filmagens e áudios decorrentes da minha participação nas entrevistas para pesquisa, **ESTEROTIPOS DO HUMOR: A CARICATURA DO PERSONAGEM PAINHO, NUMA REFLEXÃO SOBRE O CANDOMBLÉ**, sendo a orientanda, **Isabely Silva Garcia** e a orientadora **Profª Dra. Robéria Nadia Araújo Nascimento**.

As imagens e voz poderão ser exibidas no relatório final da referida pesquisa, em publicações e divulgações acadêmicas, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultantes da pesquisa e na internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

A orientanda fica autorizada a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados sob a supervisão da professora orientadora.

Por ser esta a expressão da minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexo a minha imagem e voz ou qualquer outro. Ciente dessa condição assino o presente documento.

Campina Grande, 15 de Setembro de 2016.

Assinatura

APÊNDICE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (DECOM)
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTÕES

ORIENTADORA:
PROFA. DRA. ROBÉRIA NADIA ARAÚJO NASCIMENTO
ORIENTANDA:
ISABELY SILVA GARCIA

1° CONTE SUA HISTÓRIA COM O CANDOMBLÉ, E COMO VOCÊ
CONSTRUIU SUA IDENTIDADE RELIGIOSA?

2° A RELIGIÃO DO CANDOMBLÉ É VINCULADA A HOMOSSEXUALIDADE?

3° COMO A RELIGIÃO DO CANDOMBLÉ É TRATADA PELA MÍDIA? OU
REPRESENTADA NA MÍDIA, SEGUNDO A SUA OPINIÃO?